

# REVISTA ADVENTISTA

JUNHO DE 1966

*Quebrando o silêncio*

*Serão repovoadores os 144 000 do Apocalipse?*

*Quando Não Se Tem Prazer em Assistir aos Cultos*

ANO XXVII N.º 237

## A Assembleia da Conferência Geral

A. CASACA

**S**ó Deus é infalível, porque só Ele conhece, plenamente, o passado, o presente e o futuro.

A inteligência criada — quer seja humana quer angélica — é, essencialmente, limitada; por isso, não conhece tudo.

Acresce, ainda, que a inteligência humana é discursiva, isto é, vai discorrendo mediante encadeamentos de raciocínios. Deste modo, não possuindo a plenitude da verdade, necessita da cooperação de outras inteligências.

Assim se compreende a declaração de Provérbios 11:14: «mas na multidão de conselheiros há segurança.»

Os vários membros que constituem qualquer Conselho têm por obrigação contribuir com o seu parecer, com os seus conhecimentos, com a sua experiência para uma melhor compreensão do assunto pendente de modo a ser resolvido da maneira mais acertada e, conseqüentemente, mais próxima da verdade.

Ainda há bem pouco tempo o famoso Concílio Vaticano II constituía noticiário obrigatório na Imprensa mundial cristã.

Como todos os conselhos dos vários organismos directivos, também os Concílios exprimem a necessidade de se poder recorrer ao parecer, à prudência, à experiência dos entendidos, dos técnicos, dos peritos.

É, evidentemente, a expressão já citada da Palavra de Deus quando diz que «na multidão de conselheiros há segurança».

Por isso, também nós temos a nossa Assembleia Magna, precisamente, a Assembleia da Conferência Geral, na qual intervêm os representantes de todas as Divisões.

É um autêntico Concílio Universal que tem como objectivo estudar os problemas que interessam a toda a Igreja.

«As reuniões gerais são um dos agentes mais importantes na nossa obra para atrair a atenção do povo». (Testemunhos, vol. 6, p. 31).

Ali vão ser estudados e profundamente meditados os grandes problemas que se relacionam com a rápida difusão da Mensagem, de acordo com a hora que passa em que todas as nossas actividades se devem canalizar para abreviar a Volta Gloriosa do Salvador.

«Qual é o objectivo das nossas reuniões? Informar a Deus, instruí-Lo, dizendo-Lhe tudo o que sabemos, em oração? Reunimo-nos para nos edificarmos mutuamente mediante uma permuta de ideias e de sentimentos para adquirir forças, luz e coragem através do mútuo conhecimento de esperanças e de aspirações; e pelas nossas orações fervorosas e sinceras, feitas com fé, somos refri-

(Continua na pág. 24)

## SUMÁRIO

A Assembleia da Conferência Geral  
Página Editorial  
Quebrando o Silêncio  
Serão repovoadores os 144.000 do  
Apocalipse?  
A crítica  
O Evangelho na Ilha de Santa  
Maria  
Quando não se tem prazer em assis-  
tir aos cultos  
Pregar no deserto  
Notícias do Campo  
O Auxiliar da Escola Sabatina

JUNHO DE 1966

ANO XXVII N.º 237

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,

J. M. MATOS, M. MIGUEL,

O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETARIA: UNIAO PORTUGUESA  
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

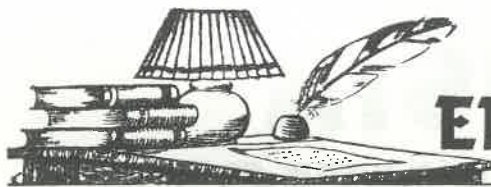
Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA  
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



## Página EDITORIAL

*Prezados Irmãos e Irmãs:*

É sempre com a maior satisfação que entro em contacto convosco através destas singelas linhas com as quais pretendo transmitir-vos algumas notícias sobre as actividades da Igreja e outros acontecimentos. Que o Senhor nos abençoe.

### A Campanha das Missões

Pela graça de Deus podemos exultar no Senhor, porque, com a sua preciosa e indispensável ajuda foi possível levar a bom termo a Campanha das Missões.

Também pela graça de Deus, não se registaram acontecimentos desagradáveis.

Bem podemos exclamar: «Até aqui nos ajudou o Senhor.»

A todos os nossos dedicados Irmãos e Irmãs que tomaram parte activa na Campanha lembramos que o Senhor lhes dará a recompensa devida.

### Acampamento dos MV

Prossegue entre os nossos Jovens o entusiasmo habitual pelo Acampamento MV.

Já entrou na tradição e, de tal modo, que quase não podemos passar sem ele.

De acordo com as instruções oportunamente enviadas para as igrejas pelo Pastor Baião, tudo se efectuará, com a ajuda de Deus, e com o entusiasmo de sempre.

Pouco tempo falta para o mês de Agosto... o mês do Acampamento MV!

### As férias e a vida espiritual

Bem sabemos que na vida espiritual não há lugar para férias. Parar na vida espiritual é morrer.

Por isso, muito recomendamos aos nossos dilectos Irmãos e Irmãs que, durante as suas férias — que sejam benéficas e abençoadas — não se esqueçam nem da Escola Sabatina nem das suas práticas religiosas habituais.

Com respeito à Escola Sabatina convém solicitar na própria classe os cartões apropriados para as férias. Deste modo poderá registar as suas actividades adentro da Escola Sabatina.

Procuremos aproveitar o tempo das férias para fazermos algumas leituras dos livros do Espírito de Profecia.

E que Deus proteja os nossos prezados Irmãos e Irmãs, onde quer que se encontrem a passar as suas férias e os traga com saúde e com as forças refeitas para prosseguirmos na vida cristã de acordo com a vontade de Deus.

*A. Casaca*

**NOVO HINÁRIO** para uso das igrejas em Portugal, com 620 hinos e trechos bíblicos seleccionados, próprios para o culto divino:

### CANTAI AO SENHOR

edição portuguesa, sem música, a sair brevemente.

Preço especial de pré-publicação, até ao dia 31 de Março: 30\$00.

A partir de Abril, o preço será de

**40\$00**

Inscreva-se agora e poupe 10\$00 no seu hinário. Peça mais informações ao pastor da sua igreja.

# QUEBRANDO O SILÊNCIO

QUANDO se acorda de uma longa noite de silêncio, é no entanto belo indício de que se tem ainda vida, e que esta dádiva preciosa de Deus não nos é dada só para a inactividade do sono, mas antes, e além desses curtos períodos de repouso bem necessários à sua natural função, ela quer despertar e desenvolver-se na sua liberdade natural e consciência de suas alegrias e trabalhos.

Posto esta desalinhada introdução a ver se consigo transportar esta ideia sonâmbula e fazer quebrar o longo silêncio em que nas belas páginas da nossa Revista não aparecia sinal algum de vida missionária destas igrejas de Cabo Verde. Embora a Direcção Central estivesse ao facto de que estamos acordados e ainda com vida laboriosa graças a Deus.

A razão desta falta aos estimados leitores é simples e desculpável pelos que nos conhecem e ao campo igualmente. Em primeiro lugar, é porque o fraco obreiro que de perto o dirige, não é prático ou ajeitado a escrever artigos, nem tão pouco tem costela ou fibra de poeta, que bastas vezes na espontaneidade, ânsia ou outra qualquer coisa em reproduzir sua inspiração extática, envolve seus versos de sentimentos que não são natural e momentaneamente os seus. Em segundo lugar, é porque o campo não é de natureza a inspirar belas e agradáveis notícias daquelas que nos interessa e valha a pena escrever-se, isto é, não de lucros monetários, porque esta não é a função do nosso trabalho no mundo, e muito menos aqui, dada a pobreza do seu solo e da sua gente; sendo antes, os lucros humanos que para o Céu, desejáramos muito mais ganhar, fazendo render o evangelho de Cristo, «poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê».

Agarrado a esta ideia ou realidade, assim fiquei em silêncio neste longo espaço de tempo, à espera de maiores resultados para trazê-los a estas páginas. Mas como isso constituiria naturalmente alguma coisa

parecida com vaidade ou orgulho meritório, coisas de que não simpatizo nada, por serem impróprias aos cristãos, e em ralidade os méritos deste nosso excepcional trabalho não pertencerem a nós mas sim ao Espírito de Deus, é por isso que nunca tive o prazer humano de sentir feito grandes coisas que brilhassem nestas páginas, tão ansiosamente por nós esperadas, tendo contudo, trabalhado e lutado à altura das responsabilidades impostas, não só agora, como desde que me foi dado o honroso privilégio de me incorporar à humilde mais valorosa equipa dos ganhadores de almas, a fim de procurar sempre maiores e melhores resultados para a Causa que nos tem sempre sido querida.

A origem e história deste trabalho missionário aqui, por outros dedicados servidores já foi proficientemente aqui relatada, logo torna-se desnecessário repeti-lo. O que mais interessa sem dúvida a todos nós, são as boas notícias de interesse e de almas ganhas à Fé de Jesus, expressivas de belas experiências de lutas e vitórias ganhas em defesa dos ideais cristãos e da visível operação de Deus nos nossos campos e nas nossas gentes, no aspecto das suas duplas necessidades, físico e espirituais, não é assim? Pois é precisamente isso que desejaria trazer à vossa amável leitura, mas ai! Não é o tanto que desejava! Embora não seja assim, acordei contudo, para vós, mesmo com os poucos feitos desta longa noite sem notícias.

Tudo, normalmente funcionou e funciona nesta Missão, com suas escolas e igrejas ainda em igual número, com seus departamentos missionários e escolares, procurando alargar o nosso ambiente e esfera de acção para mais longe na própria ilha e outras, pelos esforços dos obreiros, professoras e membros, que não sendo apesar de tudo, uma maravilha ou exemplo de acção missionária e de fé viva, é no entanto, um campo de estimados doentes espirituais, onde também

os ternos cuidados do Médico Divino se lançam e se sentem na cura dos já hospitalizados nas igrejas e chamando outros que vão tendo consciência do seu mal e respondem ao convite de sua cura. Assim é que foram registados neste lapso de tempo quarenta e cinco deste precioso lucro humano, que só o Drama do Calvário os valorizará, acrescentados pelo baptismo às nossas igrejas, que para este campo representa esforços e despesas além do normal. As outras necessidades evangélicamente monetárias traçadas superiormente, alcançaram-se todas pela graça de Deus, demandando ginástica económica de onde havia para onde era preciso... Pudémos também acudir até onde nos era possível, às necessidades de irmãos pobres, graças em especial à generosidade das boas irmãs Gomes (mãe e filha), destas ilhas naturais, que de longe lhes pesa no amor cristão, a falta de seus irmãos de fé desta Missão.

Quanto à evangelização mais extensa noutras ilhas, se poderia fazer e deve-se fazer, às que ainda não têm representação directa nossa, como sendo especialmente Santo Antão, bela e bafejada ilha de recursos naturais, donde procede a grada e saborosa banana que de quinze em quinze dias carrega os vapores da Carreira entre Cabo Verde e Lisboa. A outra também que espera nosso trabalho, é a pitoresca ilha de S. Nicolau, onde em ambas temos membros dispersos, que animados com obreiro local, muito concorreria à criação de novas igrejas lá, existindo já outras denominações religiosas. Se houvesse mais dois obreiros e verbas para os fazer marchar para cá, então melhores e mais belas notícias se poderia dar aos nossos dilectos leitores.

Além destas necessidades apenas em planos, temos de acudir para já à que infelizmente está a dificultar muito o nosso trabalho na cidade da Praia, precisamente pelo triste estado decrépito das nossas insta-

(Continua na pág. 5)

# SERÃO REPOVOADORES OS 144000 DO APOCALIPSE?

O meu objectivo sobre este simples artigo não é entrar em controvérsia acerca dos 144 000, mas, a estimular o desejo nos prezados leitores de pertencer a tão privilegiado número que terá em sua testa o nome de Deus e do Cordeiro (Apoc. 14:1) eles são para Deus e o Cordeiro (Apoc. 14:4); eis o que nossa dilecta irmã White escreveu à este respeito:

«Não é a vontade de Deus que eles entrem em controvérsia sobre assuntos que não os ajudarão espiritualmente, tais como: Quem compõe os cento e quarenta e quatro mil. Isto saberão sem qualquer dúvida, dentre de pouco tempo, os que forem eleitos de Deus.» — E. G. White, *Selected Messages*, liv. I, pág. 174. (Do Trimensário do 3.º Trimestre de 1965, pág. 46.)

Acerca dos nomes do Pai e Filho escrito na testa do referido número privilegiado, assim escreveu a serva do Senhor: «Os 144 000 estavam todos selados e perfeitamente unidos. Na sua testa estava escrito: «Deus, Nova Jerusalém e tinham uma estrela gloriosa que continha o novo nome de Jesus.» (*Vida e Ensinos* pág. 58, 2.º par.).

No livro *Desejado de Todas as Nações* pág. 317, lemos: «Elias, que tinha sido trasladado para o Céu sem ver a morte, representava os que estarão vivos sobre a Terra na segunda vinda de Cristo.» Por isto, obviamente vemos que a experiência dos 144 000 está retratada na de Elias, que foi tido como o único culpado das calamidades que caíram sobre Samaria devido à grave seca de três anos e meio, (I Reis 18:17; Tia. 5:17-18) pelo que Elias foi terrivelmente perseguido, e atravessou todo o tempo da angústia devido à fome. Porém, Deus não permitiu nunca que ele fosse humilhado pela prisão, (II Reis 1:9-16) embora chegasse a pedir a Deus que lhe tirasse a vida, depois de uma correria de um dia por causa da ameaça de Jesabel. (I Reis 19:4.)

Esta será, também, a experiência dos 144 000 segundo o Espírito de

Profecia: «Vi que os quatro anjos segurariam os quatro ventos até que a obra de Jesus estivesse terminada no santuário, e então viriam as sete últimas pragas. Estas pragas enfureceram os ímpios contra os justos, pois pensavam que nós havíamos trazido os juízos de Deus sobre eles, e que, se pudessem livrar a Terra de nós, as pragas cessariam. Saiu um decreto para se matarem os santos, o que fez com que estes clamassem dia e noite por livramento. Este foi o tempo da angústia de Jacob. Então todos os santos clamaram com angústia de espírito, e alcançaram livramento pela voz de Deus. Os cento e quarenta e quatro mil triunfaram. A sua face iluminou-se com a glória de Deus.» — *Vida e Ensinos* p. 99. Também no *Conflito dos Séculos* lemos: «Estes, tendo sido trasladados da Terra, dentre os vivos, são tido como «primícias para Deus e para o Cordeiro.» «Estes são os que vieram da grande tribulação; passaram o tempo da angústia tal como nunca houve desde que houve nação; suportaram a aflição do tempo da angústia de Jacob; permaneceram sem intercessor durante o derramamento final dos juízos de Deus... Viram a Terra devastada pela fome e pestilência, o sol com poder para abrasar os homens com grandes calores, e eles próprios suportaram o sofrimento, a fome e a sede.» — *O Conflito dos Séculos*, I Ed. pág. 648, 649. Porém, assim como Elias não foi deixado debaixo da mão de Acab, também Deus não o permitirá aos 144 000, pois diz a serva do Senhor: «Por causa do nosso estado feliz e santo, os ímpios enraivecera-se e arremeteram violentamente para lançar mão de nós, a fim de lançar-nos à prisão, quando estendemos a mão em nome do Senhor, eles caíram inermes no chão.» — *Vida e Ensinos*, pág. 58. Não, os 144 000 não precisam passar pela experiência da humilhação, porque a si mesmos se humilharam nivelando-se com o resto da humanidade, tal como

Elias que correu junto ao carro de Acab. (I Reis 18:46).

Em Apoc. 14:1, lemos que o apóstolo João viu o «Cordeiro sobre o monte de Sião com os 144 000». Segundo Isa. 8:18, o monte de Sião é a Sede do governo de Deus; foi ali que Lúcifer tentou assentar-se (Isa. 14:13) Sede esta que foi simbolizada pela fortaleza no monte de Sião em Jerusalém (II Sam. 5:7). Pergunto: Porque têm os 144 000 o próprio nome de Deus nas suas testas e são levados para a Sede de Seu governo? Eis a resposta que encontrei:

«Deus criou o homem para a Sua própria glória, para que, depois de provada e experimentada, a família humana se tornasse uma com a família do Céu. *Era propósito de Deus repovoar o Céu com a família humana, se se mostrasse obediente, a todas as Suas palavras.*» — E. G. White, *Coments*. (Trimensário do 4.º trimestre de 1965).

Sim, estes 144 000 repovoadores preencherão precisamente as condições exigidas, porque seguem o Cordeiro para onde quer que vá, nas suas bocas não se achou engano e são considerados irrepreensíveis diante do trono de Deus. (Apoc. 14:5,4).

De entre os filhos de Deus, são os 144 000 que atingirão as mais altas culminâncias, terão a subida honra de ocupar lugares vagos deixados pelas inteligências que batalharam contra Miguel e Seus anjos, (Apoc. 12:7) mas agora, demónios formados em mais de duas dezenas de legiões (Mar. 5:9) para tentar os que habitam sobre a terra, sob as ordens de seu chefe Satanás.

Os ex-anjos de Deus, agora demónios, eram perfeitos desde a criação, tudo lhes era favorável no caminho do bem, porém, foi achada iniquidade neles, pelo que foram eliminados da Sede do governo de Deus; ao passo que os 144 000, pertencendo à mais fraca das gerações da Terra, têm pela frente todas as coisas opostas ao caminho do bem impostas pelos próprios anjos caídos, no entanto, pela fé no sangue do Cordeiro de Deus, venceram o mal com o bem, pelo amor da verdade e da justiça. Sim,

(Continua na pág. 14)

**A** PUNHALADO pelas costas. Nem ao menos naquela hora, caindo, em dores, soubera quem desferira o golpe! Pelas costas! não saber! Não se defender! Mas fora alguém a quem estendera a mão da amizade! ... Falara com ele, rira com ele, levara-o até à sua casa e, nas festas, comera dos seus bolos! ...

Ele não morrera ... Levantara-se daquela, como já se levantara de outras ... já fora ferido, sim, e quantas vezes! ... as feridas custavam a cicatrizar ... Continuavam a doer durante muito tempo e de cada vez ele havia sorrido ao seu algoz ... Mas agora, pelas costas! ...

Não, não era para matar, e pouca gente o sabia. Parece que desejavam vê-lo mesmo bem longe ... Queriam que se fosse embora, naturalmente. Porém, o que o fazia pensar, era que viera atraído para aquele convívio, porque ouvira que eram tão diferentes! ... Não se matava ninguém ... Tudo para eles era crime ...

No princípio, pensara que todos eram realmente assim. Foi quando foi ferido pela primeira vez ... Sofreu muito. Pensou, todavia, que ele estava ali, e não era pelos outros. Uma força mais forte o impelia a ficar. Compreendeu muita coisa. E teve pena, muita pena, desses que o apunhalavam! ... Na frente dele sorriam ... Por trás o apunhalavam ... Decaía no ânimo, na fé na confiança humana. O pior é que uma mágoa profunda lhe envolvia o coração ... Se sangrava? Sim! ... Que tem isso?

Um dia a mágoa foi tão grande que ele ia descer a encosta, fugir dali para sempre ... Eles serão os culpados! No entanto, olhou para o alto, bem alto, no cume daquele monte. Pareceu-lhe ouvir uma voz, sem som audível, mas que lhe falava dentro dele mesmo, nas batidas de seu coração descompassado: «Não desças! Permanece! Eu também sofri ... Eu também fui apunhalado pelas costas ... Permanece ...

ce ... Que tens tu com eles? Buscavas a eles, ou a Mim?»

Ele sofrera! ... Ficou. De quando em quando, feriam-no outra vez... como agora, no anonimato de uma carta ... Pobres, se soubessem como seria bom se falassem, nesta compreensão maravilhosa de duas almas que se expandem, que se dão, que se melhoram! ...

A punhalada fere, e quanto mais pelas costas, sem a coragem da franqueza a iluminar as palavras que se dizem... Já viram uma punhalada pelas costas fazer bem a alguém? Riu... Não sabem... Nunca aprenderam... Se estivessem com Ele diariamente, não teriam aprendido? Não podem ainda... É cedo?

Mas vão ferindo, em nome do amor... Querem consertar!... O que se constrói com feridas? Al-

guma coisa? Algumas vezes o ódio, outras, a descrença, outras o desalento, outras a morte e sempre, sempre a dor! Não constrói, desagra, aniquila, isto é, desfaz, e algo negativo...

Negação... Pedro negou a Cristo três vezes... Há um que nega sempre. Negou até a justiça de Job, de Moisés... Demole... Arrasa... É pior que a guerra... porque há heroísmos desconhecidos na guerra; há nobreza no sacrifício de vidas em flor... No entanto, na punhalada, ainda mais pelas costas, no anonimato abjeto e covarde, não há nada, isto é: a negação de tudo que de bom existe...

Ele bem sabia! A crítica! A crítica! A crítica viria outra vez mais ainda... *Ele, porém, olhava para Cima!*...

## QUEBRANDO O SILÊNCIO

(Continuação da pág. 3)

lações em ruínas assustadoras que infundem receio ao povo de lá ir para estudar a Palavra de Deus. Estou esperançoso em Deus e na boa vontade e possibilidades dos nossos dirigentes da União e Divisão, de nos virem em socorro nesta necessidade nestes meados do ano, a fim de então depois, se entender nosso trabalho evangelístico mais à cidade e pelo interior da ilha, onde há alguns irmãos. Nossa segunda necessidade é de fomentar e de cuidar do vasto trabalho que já temos na bela e pacata ilha do Fogo, onde existem para cima de cento e cinquenta membros e outros interessados que necessitamos visitar e cuidar deles para que abandonados não passem para outras crenças. De modo que, com um valoroso casal de obreiros com meio de transporte claro, se faria ótimo trabalho. Tenho tido o prazer de visitar nossos obreiros e seus campos, sentindo as suas necessidades mais prementes de cada um deles, que resolvidas, lhes dará mais sucesso no desempenho de sua ele-

vada missão dos interesses de Deus nestas ilhas, que a despeito de tudo, que humanamente pareça ser desanimador, há a real certeza de fé na operação do Espírito de Deus, que muito há a fazer neste campo, cujos progressos ainda que morosamente vão aumentando.

E são mais ou menos assim as notícias desta pobre Missão sempre chorosa quer nestas páginas, quer noutras e de mãos estendidas às instâncias superiores da mãe União, e avó Divisão, e ainda a quem dela tem tido piedade, a fim de continuar a sua missão evangelizadora e educativa das suas escolas e igrejas. E pronto, volto ao silêncio não da noite, mas de ouvirdes as nossas crenças, e cá continuamos a desfraldar não só a linda e honrosa Bandeira Nacional, mas o glorioso e invencível Pavilhão do Evangelho Eterno, a fim de recrutar almas para a iminente volta de Cristo. Vosso irmão e companheiro que solicita as vossas fervorosas orações a favor.

M. Miguel

# O EVANGELHO NA ILHA DE SANTA MARIA

por ORLANDO COSTA



*Ouiu a Mensagem de Sábado, pela primeira vez, há 14 anos (S. Maria).*

CHEGOU sem dúvida a hora da nossa oportunidade nas Ilhas dos Açores. Durante muitos anos a semente do Evangelho tem sido lançada sem que no entanto os seus resultados se tenham manifestado. A nossa atenção está sem dúvida concentrada neste trabalho e ainda que disperso chegou à realidade. De Santa Maria à Ilha das Flores dezenas de pessoas estão

procurando compreender a doutrina Adventista e muitos têm ouvido e aceitado o Evangelho que é o grande poder de Deus.

1952

Quando em Setembro deste ano colportei na Ilha de Santa Maria nos Açores tive nessa ocasião oportunidade de fazer um estudo bíblico na Vila do Porto, onde focámos o capítulo 13 do Apocalipse. Assistia na altura a essa reunião uma senhora de nome Maria José que manifestou no momento interesse pela palavra de Deus, pois ansiava conhecer a Verdade. Ao terminar o estudo e por circunstâncias várias caiu na escada do edifício ficando seriamente maltratada pelo que teve de ser assistida no hospital local. No entanto, e apesar dessa fatalidade não esmoreceu, mas pelo contrário, continuou atenta à profecia, e animosa interessou-se pela observância do Sábado. A todos quantos

a visitavam falava na necessidade de se observar o 7.º dia, e com tanto interesse e amor o fez que a semente germinou numa família que de Santa Maria se desloca para S. Miguel em comissão de serviço.

1964

Volvidos 12 anos que foram, entro em contacto com a dita família nas Furnas (S. Miguel) que me diz conhecer a Verdade do Sábado através do testemunho duma senhora de Santa Maria. Depois duma série de estudos e da devida preparação essa família composta por 3 pessoas e mais uma outra aceitam o testemunho de Jesus através das águas baptismas.

1965

Neste Verão uma filha da família das Furnas em questão, vem a Santa Maria no Serviço da Campanha das Missões e juntamente com a Irmã Maria da Glória Soares visitam a dita Maria José que em 1952 assistiu ao estudo bíblico e que estava então a ser visitada periodicamente pelas Testemunhas de Jeová. Dessas doutrinas apenas aceitou a mortalidade da alma, mas cada semana observava a dia do Senhor o Sábado. A companheira da Irmã Glória então declara que é observadora do 7.º dia de semana assim como sua família, e que as palavras de sua boca tinham dado fruto muitos anos depois. Maria José chora de alegria. Na fotografia vemos a casa onde o Evangelho foi pregado 26 horas numa semana. Todo o quadro profético aí foi levantado e esse grupo fiel deseja uma nova experiência.

Janeiro de 1966

De viagem para Lisboa passei por Santa Maria e em dois rápidos dias visito o lar de Maria José es-

*Grupo de interessados que se reúne todos os dias (Ilha de S. Maria).*



tando eu longe de supor que se tratava da mesma pessoa que contactara comigo em 1952 e que grande alegria senti quando reconhecí nela a mesma pessoa que 14 anos atrás conhecera, e relembro o estudo de Apocalipse 13 e a queda na escada. Pressurosa correu a Vila do Porto (pois ela reside no Aeroporto) a chamar as pessoas para assistirem à pregação do Evangelho que teria lugar nessa noite. Regressando de Lisboa, visito-a novamente e prometo-lhe uma visita mais demorada.

*Fevereiro de 1966*

Voltei a Santa Maria e em casa de Maria José estou reunindo todos os dias a partir das quatro horas da tarde um bom grupo de interessados que se mantêm firmes até que a noite nos surpreende nas horas mais avançadas. Suplicaram-me que não os abandonasse e lhes mostrasse tudo quanto na palavra de Deus está escrito para nossa salvação eterna. A casa é pequena para conter tanta gente pois que apenas dispomos duma pequena saleta e oxalá este trabalho seja co-



*Casa onde se fizeram as primeiras reuniões no Aeroporto de S. Maria.*

roado de êxito para honra e glória do Senhor nesta pequena Ilha Açoreana. Apresento-vos através desta fotografia, a Irmã Maria José que nos pede as suas orações e envia saudações amigas para todos os crentes Adventistas. Juntemo-nos

aos crentes de Ponta Delgada em fervorosa oração para que não venha longe o dia em que se possa abrir uma sala em Santa Maria.

Santa Maria — Açores  
Fevereiro de 1966

## **Dormindo no Senhor**

**Irmã D. Maria Fernanda Miranda Barreto de Carvalho**

*Por lamentável lapso tipográfico saiu truncada a notícia do falecimento da saudosa Irmã D. Maria Fernanda M. B. de Carvalho que foi dedicada e amantíssima esposa do nosso prezado Irmão Manuel António Damasceno Carvalho.*

*Pedindo desculpa tanto à Família da falecida como ao nosso solícito correspondente, Pastor Cordas, publicamos a notícia, como devia ter saído:*

A Igreja e a Juventude de Portalegre, acabam de sofrer um rude golpe com a perda da jovem Maria Fernanda Miranda Barreto de Carvalho, esposa do irmão Manuel António Damasceno Carvalho e filha dos irmãos Ana Rosa Miranda Barreto e Vicente Ramalho Barreto, todos antigos e fiéis membros da Igreja de Portalegre.

A sua morte foi recebida por todos como um choque, quando nada

se previa tal desenlace. Um parto complicado, com consequências inesperadas, deu motivo ao inesperado acontecimento.

A sua perda causou a mais profunda consternação em todos quantos com ela conviveram, diremos



mesmo em toda a cidade, onde gozava de geral simpatia.

Jovem activa na Igreja, tomou parte nas actividades da Igreja, em diversos ramos de colaboração.

Centenas de pessoas passaram em romagem perante a sua urna, numa sentida e última homenagem e uma multidão compacta em que se viam pessoas de várias crenças e posições, quiseram acompanhá-la à sua última morada, e escutaram no maior silêncio, por vezes evitando com dificuldades as lágrimas, as palavras de conforto e esperança, lidas das Sagradas Escrituras.

Nascida em 18-4-1943, e baptizada em 20-6-1955, entrou no repouso, aguardando a gloriosa ressurreição, com 23 anos incompletos, no dia, 11 de Fevereiro do corrente ano de 1966.

Que a sua dedicação, bondade e paciência, possa ter-se como exemplo para outros jovens, quer trabalhando em favor de outros, quer vivendo para nos encontrarmos no Feliz e ansiosamente esperado Reino de Deus.

# Assistir aos Cultos

FRANCIS D. NICHOL

UM irmão escreve dizendo que não encontra mais qualquer satisfação nos serviços religiosos. Assiste a várias reuniões, inclusive o culto de oração, mas lhe parecem monótonas. Continua a frequentar a igreja unicamente porque a Bíblia nos exorta a não deixar de congregar-nos juntos.

## Nossa Resposta

Este caso faz-me lembrar de outro, ocorrido anos atrás, quando eu era pastor duma igreja. Eu baptizara um jovem. Não muito depois ele começou a ausentar-se da igreja. Quando o visitei, justificou sua ausência da seguinte maneira: Perdera simplesmente o interesse, não «sentia» prazer em ir à igreja; não se sentia inclinado aos assuntos espirituais, portanto não podia ver qualquer razão para ir. Perguntei-lhe se ele se unira à igreja apenas por causa dos sentimentos. Declarou enfaticamente que Não, que se ligara à igreja em resultado de cuidadoso estudo da Bíblia, o que o levava a crer que o Movimento Adventista ensinava a verdade divina. Disse que no decorrer do estudo, às vezes havia um sentimento de elevação espiritual. Agora ele desaparecera; por que pois frequentar a igreja?

Indaguei-lhe se as razões que o induziram a dar aquele passo eram sem valor agora. Em outras palavras, como resultado de tranquila reflexão, possuía ele algum bom argumento que anulasse os motivos que o conduziram para a igreja? Novamente respondeu que Não. Então, disse-lhe eu, a questão com que se defrontava era se ele se deixaria dominar pela razão ou pelos sentimentos. Era evidente que estavam em desacordo. Parece que ele percebeu a força desta declaração e perguntou-me o que deveria fazer nesse caso.

Afirmei-lhe que a resposta era muito simples e que ela já havia sido dada a mais de uma pessoa

através dos anos. Esta resposta era que o ser humano, em última instância, deve ser governado pela mente e não pelos sentimentos. De outro modo, a que condição chegaria a sociedade dentro de pouco tempo? Além disso, ele deveria lembrar-se de que a religião, afinal de contas, não é uma questão de índole, mas sim de claras e ponderadas conclusões baseadas na evidência. É por isso que os cristãos conseguem manter-se firmes e resolutos em sua religião, mesmo quando passam por períodos de depressão mental.

Declarei-lhe que para sua conduta corresponder às tranquilas conclusões de sua mente, só lhe restava fazer uma coisa: Continuar indo à igreja até que as realidades espirituais tornassem a focalizar-se em sua mente. Ao mesmo tempo deveria empenhar-se intensamente nas actividades da igreja. Sinto-me feliz em dizer que ele seguiu meu conselho. Dentro em pouco obteve uma nova convicção. Hoje, após vinte anos, ainda é uma forte coluna na igreja.

O senhor alega: «Procurei fazer trabalho missionário, mas não fui bem sucedido.» Não sei exactamente o que quer dizer com isso. Aca-so significa que distribuiu alguma literatura missionária e que ninguém lhe agarrou subitamente a mão de maneira extática, mencionando que iria tornar-se cristão? Ou que o senhor convidou alguém a assistir a uma reunião evangelística, e ele não compareceu, ou talvez que, embora estivesse presente, não atendeu ao apelo, ficando o senhor portanto desalentado? Ou que fez uma visita ao lar de alguma pessoa e lhe mencionou que devia aceitar a Cristo, mas não obteve bom resultado, achando o senhor pois que seus esforços foram infrutíferos?

Mas como sabe que todas as suas tentativas foram inúteis? Quando as pessoas são baptizadas na igreja,

amiúde descobrimos que o verdadeiro motivo que as levou a dar esse passo foi um folheto que receberam anos antes, ou um convite para assistir a uma reunião evangelística, ou algo que alguém que as visitava disse em favor de Cristo. Receio que o senhor se tenha desanimado muito facilmente. Ademais, a ordem de nosso Senhor é ir e pregar o evangelho. Devemos deixar com Ele a tarefa final de transformar o coração e a mente dos homens, para que O aceitem. Trabalhamos para Ele porque O amamos, e não devido a quaisquer resultados imediatos que possamos obter de nossos labores.

Desejo chamar-lhe a atenção para mais um ponto, que aliás é o mais importante de todos. É verdade que nossas decisões em assuntos religiosos devem ser o resultado de ponderadas conclusões tomadas em nossa mente. Mas também é verdade que a religião deve ser uma expressão de afinidade muito pessoal que temos para com Deus. Ele descreve a Si mesmo como nosso Pai e a nós como Seus filhos. A menos que essa comunhão seja clara em nossa mente e firmemente mantida em tudo, a religião acabará perdendo a realidade para nós.

Ora, meu irmão, o calcanhar de Aquiles na vida religiosa da grande maioria das pessoas é sua negligência em cultivar uma relação pessoal para com Deus. De facto, o culto de oração pode parecer enfadonho, como o senhor diz, por causa de algumas orações monótonas; bem como as outras reuniões a que o senhor assiste. Contudo, graças a Deus, o valor da oração não deve ser avaliado pelas preces de algumas pessoas presentes no culto de oração. O senhor pode determinar o valor da oração por suas próprias súplicas a Deus. Não depende dos outros nessa questão.

(Continua na pág. 24)



# PREGAR NO DESERTO

PASTOR MICHEL GRISIER

No início do meu trabalho no sul da Ilha de Madagáscar, tive de me defrontar com uma violenta oposição.

Nas portas dos templos liam-se os seguintes avisos: «Atenção! Vieram heréticos adventistas até nós; não lhes compreis nenhuns livros, não discutais com eles, fugi deles, fechai-lhes as portas.» Também entre a população foram espalhados numerosos folhetos intitulados: «Crenças dos Adventistas.» Expunham caricaturas da nossa fé e afirmações falsas, deturpadas: túnicas de ascensão; volta de Jesus em 1952; proibição de beber leite e a infusão nacional, o «Ravenvoafotsy», etc.

Tudo isso não era, afinal de contas, senão um meio para chamar a atenção de todos para o nosso Movimento. Deus ia intervir e mudar a situação.

Muitas famílias de funcionários adventistas foram afectadas na região, e esses irmãos e irmãs participaram a sua fé, em torno de si.

Alguns habitam grandes casas onde realizei conferências, projecções e, sobretudo empreendemos um esforço da «Bíblia na mão». Ràpidamente pudemos efectuar os nossos primeiros baptisms e, em menos de dois meses depois da nossa chegada, organizámos uma igreja de 22 membros, assim como alguns grupos aqui e lá.

Em toda a parte aquilo que nos permitiu «furar» foi o testemunho dos nossos irmãos leigos. Só eles é que podiam fazer acabar com os preconceitos e conquistar-nos a confiança do povo.

Penso, por exemplo, num irmão que desempenha as funções de adjunto do sub-prefeito de Abovombé. Organizámos palestras sobre a «Bíblia na mão», em casa dele. Numa certa noite assistiu um ex-pastor protestante, propositadamente para discutir connosco. No fim da reunião, chamou-me à parte e perguntou-me que é que ainda lhe faltava para ele receber o baptismo adventista, pois o assunto da palestra tinha sido, precisamente, o baptismo.

Regressou a casa, distante 15 quilómetros de Abovombé e fala acerca do que ouviu pregar na nossa reunião e dá testemunho da sua nova convicção. Um dos seus vizinhos, que durante vinte anos foi professor de Bíblia numa escola protestante, ouviu-o falar e pediu-me que o fosse visitar. Este último abriu-me o seu coração. Preparando os cursos de Bíblia para a formação dos catequistas, tinha ele entrevisto apenas, certas verdades e começou a duvidar da doutrina da sua Igreja. A um missionário protestante que lhe replicou: «Mas o irmão quer tornar-se adventista...» perguntou ele: «Quem são os Adventistas? E onde estão eles?»

Foi-lhe dito que nunca viriam para o Sul malgache, porque esta região estava estritamente reservada aos protestantes...

Finalmente, tinha ele agora, diante de si, um desses estranhos Adventistas!...

«Há dez anos que eu esperava este momento, — disse-me ele — por que é que não veio mais cedo?»

Seguiu assiduamente a classe baptismal e estuda as nossas crenças com todo o cuidado.

Vou agora falar do sr. Relafy Olaf, um dos nossos candidatos ao baptismo. Nenhum dos seus quatro filhos recebeu o baptismo protestante porque, conforme ele me disse, não encontrou em parte nenhuma da Bíblia que tivessem baptizado, alguma vez, as crianças, pois sabemos que aquele que crê, esse tal é que será baptizado; por isso vai esperando que os filhos atinjam o uso da razão, para então serem baptizados.

Pois este homem, que ainda não é baptizado já interessou todo um grupo de pessoas.

Até aqui temos trabalhado junto da população instruída.

Mas como atingirmos a massa dos camponeses que constitui a maior parte dos habitantes? Alfabetos, vivendo numa miséria incriável, quase nus. Como contactá-los? Com a ajuda da Sociedade Dorcas da nossa igreja de Fort-

-Dauphin, a minha esposa começou um trabalho social nas aldeias dos arredores: cursos de puericultura, higiene sumária, costura, jardinagem, etc. As hortas produziram legumes, mas foi necessário ensiná-los a cozê-los. Tivemos de organizar um curso de cozinha. Começaram então as dificuldades. Como iríamos cozer os legumes e prepará-los sem matérias gordas? Não conhecem estes alimentos porque não têm dinheiro para os comprar. Com quatro bocados de madeira, um prego, duas cordas e uma prensa rudimentar, mas simples, com a qual foi possível obter um pouco de óleo com alguns frutos dos que eles cultivam. Também lhes ensinámos a fabricar tijolos para a construção de casas e substituir as cabanas.

A parte sul malgache é provavelmente uma região única no mundo. Imenso planalto calcário sub-desértico (20 dias de chuva por ano) recoberto de vastas florestas sem sombra, de árvores sem folhas e bordejadas de espinhas que distilam látex cujos vapores são corrosivos. Tanto a flora como a fauna apresentam tipos estranhos, irreais, saídos directamente de um pesadelo. Região queimada pelo sol, onde a dificuldade não consiste em marcar 45° à sombra, mas encontrar sombra para medir a temperatura.

A preocupação primordial daquela gente é a água. Foi só aqui que compreendi esta expressão de Jesus: «Quem der um copo de água fria... não perderá a sua recompensa.» (Mat. 10:42).

Os camponeses têm de fazer, todos os dias, 10 ou 15 quilómetros a pé com os rebanhos até encontram um perdido poço de água salobra. Também a podiam comprar ao vendedor ambulante que passa com um pipó num carro de bois, mas custa 1 franco malgache cada litro de um líquido morno, inqualificável.

«Com que água quereis vós baptizar por imersão os vossos convertidos?» Chasqueavam os pastores

(Continua na pág. 14)



A direcção da Escola Sabatina que é constituída por jovens na igreja de Almada.

## O que foi o dia da Escola Sabatina, em Almada

Já há muitos dias que se vinham fazendo preparativos para que houvesse uma festa na nossa igreja, e foi na realidade o que aconteceu.

A igreja estava alegre e repleta de crentes, para mais de cem; visitas tivemos 25, formou-se uma comissão de recepção, e fizemos um programa especial, ao qual deram a sua colaboração os nossos jovens.

Começámos por ouvir, uma poesia, pela directora desta Escola Saudações da E. Sab., ouvimos depois um triálogo com Olivinha, Guidinha e Lisita.

A directora, saudou a assistência e deu as boas vindas, e em poucas palavras disse, da nossa alegria, por este dia.

Ouvimos ainda uma poesia pela Lisita, outra pela Paula Lemos, e pela Guidinha, ouvimos ainda numa apresentação esmerada o triálogo, dos Missionários da Bandeira, por Ana Bernardo, Amélia de Carvalho e Marília Diogo.

As fotografias revelam alguns factos atinentes ao que foi esta nossa tão interessante festa.

A nossa festa prolongou-se pelo culto adiante pois o pastor da igreja associou-se também ao nosso desejo de ver exaltada a nossa Escola Sabatina tendo historiado, o que foram os princípios desta Es-

cola, e o seu valor para a Igreja de Deus na Terra. Como dum princípio tão humilde chegou a ser o que é hoje, mais de dois milhões de filiados em todo o mundo, o que constitui sem dúvida a maior escola mundial da actualidade.

Que o Senhor se digne ter recebido este preito de gratidão, no trabalho que realizámos, e que possa estimular outras Escolas, a assim fazer.

A Directora

Marília de F. Coelho Diogo

Apresentando um triálogo (igreja de Almada).



## O DIA DA ESCOLA

*Pela graça de Deus, realizou-se o propósito do Secretário do Departamento da Escola Sabatina da União Portuguesa, Pastor David Vasco; tivemos um abençoado DIA DA ESCOLA SABATINA, Sábado, 12 de Março.*

*Em todas as igrejas se prepararam e foram levados a efeito sugestivos programas que timbraram pelo seu cunho de entusiasmo e de valor espiritual. Todos os nossos templos, incluindo os salões de culto, assim como as simples salas particulares se revestiram de galas para acolher, festivamente, os Irmãos, os membros da Escola Sabatina e as visitas; além de lindos e polícromos festões disseminados pelas paredes, pela tribuna e pelas bancadas, liam-se, também, numerosos disticos alusivos ao DIA DA ESCOLA SABATINA ou*

## ESCOLA SABATINA

a esta mesma; também se distribuíram, profusamente, sugestivas recordações pelos presentes. O culto que se seguiu foi alusivo à Escola Sabatina e teve, também, a abrihantá-lo, a colaboração de coros ou solistas.

Registou-se, também, em todas as igrejas, a presença de muitas visitas que haviam sido, prévia e especialmente, convidadas.

De uma maneira geral, pelas informações recebidas das várias igrejas, as visitas apreciaram os programas que lhes foram dado presenciar, colhendo as melhores impressões. Praza a Deus que muitas destas prezadas visitas se decidam a seguir o seu e nosso Salvador Jesus.

Apresentamos, seguidamente, informações que nos foram enviadas de algumas igrejas.



O Coro de Jovens de Coimbra

### Em Coimbra

O DIA DA ESCOLA SABATINA foi, na Lusa Atenas comemorado de maneira festiva, alegre e entusiasticamente.

Para isso, muito contribuiu a presença altamente apreciada do Pastor David Vasco, Secretário do Departamento da Escola Sabatina da União.

A igreja encontrava-se lindamente enfeitada numa grande profusão de flores e folhas espalhadas por toda a parte. Os nossos Jovens, sempre entusiastas deram o melhor

do seu contributo para que o DIA DA ESCOLA SABATINA fosse, realmente, um dia abençoado.

Aproveitando a presença do nosso Irmão Pastor Vasco, foi a Escola passada em conjunto. Ouvimos o belo coro da igreja constituído por alguns dos nossos estudantes, que envergando as suas capas e batinas davam uma nota de destaque ao friso juvenil.

Seguiu-se o culto solene, que também esteve a cargo do Pastor David Vasco.

Depois de ter prégado e exposto a Palavra de Deus com a sua costumada sobriedade e unção, terminou com um vibrante apelo dirigido, sobretudo às visitas que se encontravam presentes. Algumas delas se levantaram com todos os nossos Irmãos e Irmãs no momento em que, traduzindo o Pastor Vasco o sentimento de toda a Igreja, fez votos de maior consagração e fidelidade. Estiveram presentes numerosos representantes dos diversos grupos do distrito de Coimbra.

À tarde, realizou-se uma reunião especial com os dirigentes da Escola Sabatina, sob a direcção do Pastor David Vasco, na qual se trataram assuntos de ordem técnica daquele Departamento.

Mais uma vez agradecemos ao nosso prezado Irmão Vasco a sua visita à igreja de Coimbra com os votos de que possamos encontrar

Um aspecto da assistência na igreja de Almada.



por ocasião da Vinda do Salvador muitas almas ganhas através da Escola Sabatina.

Eliseu Miranda

## **No Porto**

Sábado, 12 de Março: DIA DA ESCOLA SABATINA. A Cidade Invicta, beijada, meigamente, por um Sol que já há muito se fazia esperar, apresentou-se envolta num diáfano manto primaveril.

O Senhor nosso Deus ofereceu-nos, assim, um tempo agradabilíssimo.

A igreja na Rua Ferreira Cardoso ia recebendo os que, Sábado após Sábado, vêm à Casa de Deus enriquecer a sua bagagem espiritual através dessa obra-prima, exclusiva dos Adventistas do Sétimo Dia, que é a ESCOLA SABATINA.

Inúmeras visitas estiveram presentes, o que prova o bom ânimo manifestado por todos os que responderam ao apelo de levar consigo uma pessoa.

Às 10 horas exactas deu-se início à Escola, louvando toda a congregação o Nome do Senhor com o hino de abertura, n.º 604. À oração da Irmã Edwiges a que se seguiu a leitura da acta aprovada por unanimidade, o Director da Escola Sabatina do Porto, Irmão José Henriques do Amaral proferiu algumas palavras fazendo alusão ao



*Durante o Programa Infantil, no Porto*

dia que estávamos vivendo no calendário adventista. Às 10 horas e 15 minutos estabeleceu-se a habitual conversa entre o monitor e os alunos nas respectivas classes, sendo a lição «Fortaleza na Aflição», debatida com muito interesse e entusiasmo. No final, o Ancião da igreja, Irmão Hermínio Monteiro apresentou o assunto do *Boletim Missionário* contando-nos belíssimas experiências passadas pelos nossos Irmãos da Ilha de Cuba, dirigindo, depois, um veemente apelo no sentido de contribuirmos para uma generosa e substancial oferta no 13.º

Sábado. Os aniversariantes receberam os parabéns da Direcção da Escola Sabatina, tendo, em seguida, o Pastor Baião anunciado as actividades para as horas da tarde.

Para terminar, foi cantado o Hino n.º 434; a oração final foi pronunciada pelo Irmão Teixeira Corte, manifestando o reconhecimento a Deus por aquela hora de tão alegre convívio.

Um belo programa a notar pelas expressões das nossas visitas, programa em que um amável friso de crianças deram também o seu contributo, com a apresentação de lindas canções acompanhadas ao piano pela Irmã M. Therèze Baião.

A todos os intervenientes no Programa do DIA DA ESCOLA SABATINA na igreja do Porto agradecemos a sua boa actuação, pelo que a Escola Sabatina Portuense se encontra de parabéns.

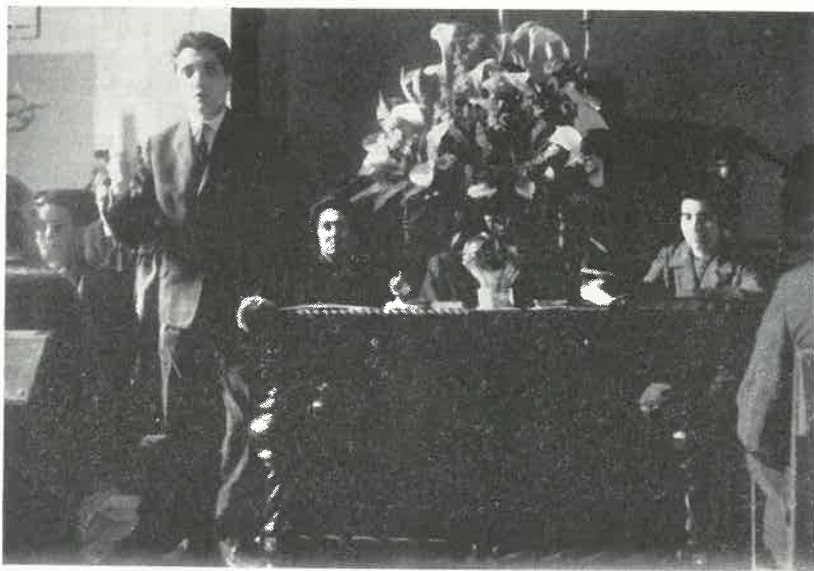
E, se a Escola Sabatina é o coração da Igreja, que todos a engrandecem, e abundantes graças sejam sobre ela derramadas.

Lembremo-nos das palavras do nosso Irmão, Dr. Setton, ditas, aqui, no Porto, aquando da Convenção da Escola Sabatina, em Março de 1964:

«Não há Igreja sem Escola Sabatina, mas há Escola Sabatina sem igreja.»

Tal é o valor — inapreciável valor — da Escola Sabatina no seio da Igreja.

*O Irmão Hermínio Monteiro expõe o Boletim Missionário, no Porto*



## De Viseu

Nos dias 2 e 3 de Abril tivemos o privilégio de efectuar um pequeno esforço de evangelização com a ajuda dos nossos prezados e dedicados Irmãos e Irmãs na Fé.

Estiveram connosco alguns Irmãos e Amigos, vindos propositalmente, do Caramulo.

A sala de culto foi pequena para receber os que ali se reuniram para louvar e bendizer o Senhor.

De manhã, à hora habitual, tivemos a nossa Escola Sabatina, seguida do culto solene do Santo Dia do Senhor.

Às 15 horas realizou-se uma sessão baptismal que foi presenciada por numerosas visitas que, com os nossos Irmãos, enchiam a sala.

Tivemos o privilégio de sepultar nas águas baptismas, D. Gracinda Augusta Cálix e o marido, Sr. Graciano Ferreira Santos, e ainda o



*A entrega do Certificado do Baptismo.*

Sr. Humberto Francisco Pereira, do Caramulo. Este nosso Irmão Humberto Pereira é fruto do zelo missionário do nosso prezado Irmão Renato Nunes, de Lisboa, que tem interessado, com a ajuda de Deus, numerosas pessoas, no Caramulo.

No final da cerimónia, que muito impressionou os assistentes nomeadamente as visitas, foi distribuído aos três novos Irmãos, o Certificado do Baptismo acompanhado de um livro do Espírito de Profecia, como oferta.

À noite, realizou-se uma conferência; entre a assistência que enchia literalmente a sala de culto



*A igreja de Canelas após o culto.*

contavam-se alguns Irmãos Evangélicos Baptistas com o seu Pastor.

Na tarde de domingo, dia 3, foram visitados os nossos Irmãos no Caramulo.

À noite, efectuou-se a última conferência desse pequeno esforço evangelístico, que teve, igualmente, numerosa e selecta assistência que encheu a sala de culto.

Que Deus abençoe os esforços envidados pelos nossos dilectos Irmãos e Irmãs de molde a podermos chamar muitas almas para a Mensagem do Senhor.

*Daniel Cordas*

## Igreja da Amadora

*Semana de Oração dos M. V.*

Antes de mais vão para Deus os nossos melhores agradecimentos com louvores, pelo muito que o Céu tem feito por nós. Não podemos silenciar a imensa gratidão que nos inspira a maneira como o bondoso Senhor tem ajudado a Sua pequenina Igreja da Amadora. Ele tem, sábia e carinhosamente, transformado em Seus activos colaboradores cada membro cada Jovem desta Igreja.

Foi, graças a Ele e aos nossos Irmãos, que nos foi possível rea-

*A igreja de Espinho à saída do culto.*



# Quando Não Se Tem Prazer em Assistir aos Cultos

(Continuação da pág. 8)

O senhor declara ter orado e que não obteve resultados. Isto não prova, porém, que a oração é inútil. Antes, acho que demonstra que o senhor não se entregou à oração com toda a sinceridade, fervor, recitação e realidade, como devia. Tenho ouvido muitas preces que de modo algum pareciam ser orações, mas apenas uma recitação de algumas frases vulgares. Caso sejam mesmo orações, devem ser daquela espécie que arrefece o coração de Deus, para não falar nos anjos assistentes.

Declamar uma série de frases bastante usadas, rematando-as com um Amem, não é realmente orar, assim como proferir algumas frases secas a um amigo não é uma demonstração de comunhão de espírito com ele. Verdadeira oração

a Deus é uma comunhão de amigo com Amigo. Deixamos de lado as frases corriqueiras e abrimos o coração no tocante a nossos problemas e necessidades. Acima de tudo, porém, agradecemos-Lhe por termos sido poupados num mundo mau, apesar de nossa vida ser indigna. Se se fizer isto com toda a sinceridade, logo se notará uma diferença na vida espiritual.

Faço esta declaração com uma importantíssima ressalva: Nosso senso de comunhão crescerá em consequência da oração sincera, contanto que sigamos cabalmente as sugestões do divino Espírito de Deus, à medida que Ele nos instruir acerca desta ou daquela modificação que tenhamos de fazer na vida. Aqueles que pela graça de Deus assim alteram seus hábitos e

costumes, passam a gozar uma experiência mais profunda, feliz e real como Deus. Por outro lado, os que recuam quando Deus começa a revelar-lhes certas coisas que precisam modificar na vida, finalmente perderão a espiritualidade.

Alegro-me com a afirmação que o senhor faz de ainda continuar indo à igreja devido a recomendar-nos o apóstolo que não deixemos de congregar-nos juntos. O senhor está absolutamente certo neste ponto. Demonstra possuir certa tenacidade no assunto da religião, que é encorajadora. Algumas pessoas ausentam-se da igreja e logo sua espiritualidade se torna completamente nula. Permaneça na igreja, meu irmão. Siga então as sugestões aqui apresentadas, e penso que haverá um futuro melhor à sua frente. Digo isto por estar seguro da realidade e do valor da religião e por acreditar que ao oferecer-nos a religião, Deus nos concede a coragem e a força para adaptar a vida ao que Sua santa religião exige.

## A Assembleia da Conferência Geral

(Continuação da pág. 1)

*gerados e fortalecidos na Fonte das nossas forças.»*  
(Testemunhos, vol. 2, p. 578).

*Toda a vida da Igreja se concentra na aspiração suprema da Vinda gloriosa de Jesus. Toda a Cristandade assim o proclama, quando afirma no Credo: «Subiu ao céu, donde há-de vir no fim do mundo, julgar os vivos e os mortos.»*

*Oremos, prezados Irmãos, para que o Espírito Santo dirija os trabalhos da Conferência Geral, agora reunida em Concílio Ecuménico. Que as*

*nossas orações se ergam, diariamente, até o trono de Deus para que todos os planos estudados nos trabalhos da Conferência Geral tenham a aprovação divina e possam ser postos em prática para edificação espiritual de todos os crentes e para que todos trabalhemos, sempre e cada vez mais e melhor para apressarmos o Dia glorioso da Vinda do nosso divino e amado Salvador.*

A. CASACA

guma, talvez da sua própria experiência, ou de um dos alunos.

**Para a perg. 12 — Mal. 4:2. O Sol da Justiça.** Li certa vez que, próximo do Polo Norte, onde a noite demora meses e meses, quando o povo conclui que está para raiar o dia, alguns mensageiros sobem ao ponto mais alto, para observar. Quando vislumbram o primeiro sinal do amanhecer, vestem as suas melhores roupas e abraçam-se mutuamente, exclamando:

“Eis o Sol!” E percorre a terra toda o brado: “Eis o Sol!”

Alguns de vós tendes-vos arrastado nas trevas do pecado. Tem sido uma longa e tediosa noite para vossa alma. Agora, porém, exclamo: “Eis o sol da Justiça, trazendo salvação nas Suas asas!” — **Talmage.** (Diz uma tradução **saúde**; a Trad. Brasileira diz **curas**; a actualizada dá **salvação**. Os termos são sinónimos, pois a saúde espiritual representa salvação.)

# Quando Não Se Tem Prazer em Assistir aos Cultos

(Continuação da pág. 8)

O senhor declara ter orado e que não obteve resultados. Isto não prova, porém, que a oração é inútil. Antes, acho que demonstra que o senhor não se entregou à oração com toda a sinceridade, fervor, rectidão e realidade, como devia. Tenho ouvido muitas preces que de modo algum pareciam ser orações, mas apenas uma recitação de algumas frases vulgares. Caso sejam mesmo orações, devem ser daquela espécie que arrefece o coração de Deus, para não falar nos anjos assistentes.

Declamar uma série de frases bastante usadas, rematando-as com um Amem, não é realmente orar, assim como proferir algumas frases secas a um amigo não é uma demonstração de comunhão de espírito com ele. Verdadeira oração

a Deus é uma comunhão de amigo com Amigo. Deixamos de lado as frases corriqueiras e abrimos o coração no tocante a nossos problemas e necessidades. Acima de tudo, porém, agradecemos-Lhe por termos sido poupados num mundo mau, apesar de nossa vida ser indigna. Se se fizer isto com toda a sinceridade, logo se notará uma diferença na vida espiritual.

Faço esta declaração com uma importantíssima ressalva: Nosso senso de comunhão crescerá em consequência da oração sincera, contanto que sigamos cabalmente as sugestões do divino Espírito de Deus, à medida que Ele nos instruir acerca desta ou daquela modificação que tenhamos de fazer na vida. Aqueles que pela graça de Deus assim alteram seus hábitos e

costumes, passam a gozar uma experiência mais profunda, feliz e real como Deus. Por outro lado, os que recuam quando Deus começa a revelar-lhes certas coisas que precisam modificar na vida, finalmente perderão a espiritualidade.

Alegro-me com a afirmação que o senhor faz de ainda continuar indo à igreja devido a recomendar-nos o apóstolo que não deixemos de congregar-nos juntos. O senhor está absolutamente certo neste ponto. Demonstra possuir certa tenacidade no assunto da religião, que é encorajadora. Algumas pessoas ausentam-se da igreja e logo sua espiritualidade se torna completamente nula. Permanença na igreja, meu irmão. Siga então as sugestões aqui apresentadas, e penso que haverá um futuro melhor à sua frente. Digo isto por estar seguro da realidade e do valor da religião e por acreditar que ao oferecer-nos a religião, Deus nos concede a coragem e a força para adaptar a vida ao que Sua santa religião exige.

## A Assembleia da Conferência Geral

(Continuação da pág. 1)

*gerados e fortalecidos na Fonte das nossas forças.»*  
(Testemunhos, vol. 2, p. 578).

*Toda a vida da Igreja se concentra na aspiração suprema da Vinda gloriosa de Jesus. Toda a Cristandade assim o proclama, quando afirma no Credo: «Subiu ao céu, donde há-de vir no fim do mundo, julgar os vivos e os mortos.»*

*Oremos, prezados Irmãos, para que o Espírito Santo dirija os trabalhos da Conferência Geral, agora reunida em Concílio Ecuménico. Que as*

*nossas orações se ergam, diariamente, até o trono de Deus para que todos os planos estudados nos trabalhos da Conferência Geral tenham a aprovação divina e possam ser postos em prática para edificação espiritual de todos os crentes e para que todos trabalhemos, sempre e cada vez mais e melhor para apressarmos o Dia glorioso da Vinda do nosso divino e amado Salvador.*

A. CASACA